

“A cobertura que camufla o coronavírus”: uma leitura em metáforas

“La cobertura que camufla el coronavirus”: una lectura en metáforas

Pedro Medina Bernardes Bastos

Bolsista FAPERJ. Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, Brasil

pedromedina@id.uff.br

Tadeu Asevedo Porto Maia

Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, Brasil

tadeuasevedo@id.uff.br

Adriana Caúla

Orientadora. Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, Brasil.

adriana_caula@id.uff.br

Recibido: 30/04/21. Aprobado: 11/08/21. Publicado (en línea): 31/12/2021.

RESUMO

Este ensaio desenvolvido no período mais letal da pandemia do Covid-19 no Brasil propõe uma outra leitura a respeito desse tema amplamente circulado no último ano. A partir de análises das imagens veiculadas nos principais meios de comunicação desde de março de 2020 no Rio de Janeiro, observamos como se operou nos tempos pandêmicos o já difundido discurso visual da cidade-paisagem, capaz de camuflar uma série de questões que cercam o território carioca. Um jogo metafórico, relacionando resultados de uma pesquisa sobre o vírus causador da Covid-19 aos resultados das nossas análises, em paralelo a uma leitura imagética por meio de colagens, revelam algumas das contradições inscritas na superfície da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Visualidades; discurso imagético; pandemia; Rio de Janeiro; metáfora.

RESUMEN

Este ensayo, desarrollado durante el período más letal de la pandemia de Covid-19 en Brasil, propone otra lectura de este tema ampliamente difundida en el último año. A partir del análisis de las imágenes difundidas en los principales medios de comunicación desde marzo de 2020 en Río de Janeiro, observamos cómo el ya extendido discurso visual de la ciudad-paisaje operó en tiempos de pandemia, capaz de camuflar una serie de cuestiones que rodean al territorio carioca. Un juego metafórico, que relaciona los resultados de una investigación sobre el virus que causa el Covid-19 con los resultados de nuestros análisis, en paralelo a una lectura imaginaria a través de collages, revela algunas de las contradicciones inscritas en la superficie de la ciudad.

PALABRAS CLAVE: Visualidades; discurso imaginario; pandemia; Río de Janeiro; metáfora.

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro é, atualmente, a segunda cidade mais populosa do país, com 6,7 milhões de habitantes. Para fins de comparação, se o Rio de Janeiro fosse um país, teríamos nesse momento em que o artigo é redigido, o pior índice do mundo de óbitos por COVID-19 a cada 100 mil habitantes.

Percebemos que a cidade do Rio de Janeiro foi sendo, ao longo do tempo, encoberta por um discurso que a apresenta e a afirma como “metrópole tropical”. Essa camada discursiva, elaborada e afirmada ao longo da história, se expande com facilidade principalmente pelas características espaciais e territoriais da cidade, que associa elementos naturais marcantes e elementos construídos. Vale resgatarmos as referências dos indígenas e posteriormente a representação do maciço Pão-de-

-Açúcar¹, presente desde os primeiros registros e descrições da cidade no período colonial. Esse elemento natural, torna-se ícone (visual), principalmente a partir do século XVII com os registros “pictóricos” do Rio de Janeiro, marcando as representações e imagens da cidade desde então.

Essa cobertura discursiva marcada pelos ícones² contribui nos processos de mercantilização da paisagem, que passa a conformar o “Rio-paisagem”, com toda a sua dinâmica própria de ocupação e valorização. Lembramos que o Rio de Janeiro vem recebendo grandes eventos internacionais nas últimas décadas, como a Jornada Mundial da Juventude em 2013,

¹ O nome pão de açúcar, envolve denominações várias: “Pau-nh-açuquã” da língua Tupi, dado pelos Tamoios, habitantes das regiões no entorno da Baía de Guanabara e significando “morro alto, isolado e pontudo”; “Pot de beurre” nome dado pelos franceses no período da França Antártica; “Pão de Sucar” denominação dos primeiros colonizadores portugueses; “Pot de Sucre” dado pelos franceses de acordo com registros do fim do século XVI.

² A palavra ícone é originária da palavra grega eikon, que significa “imagem”.

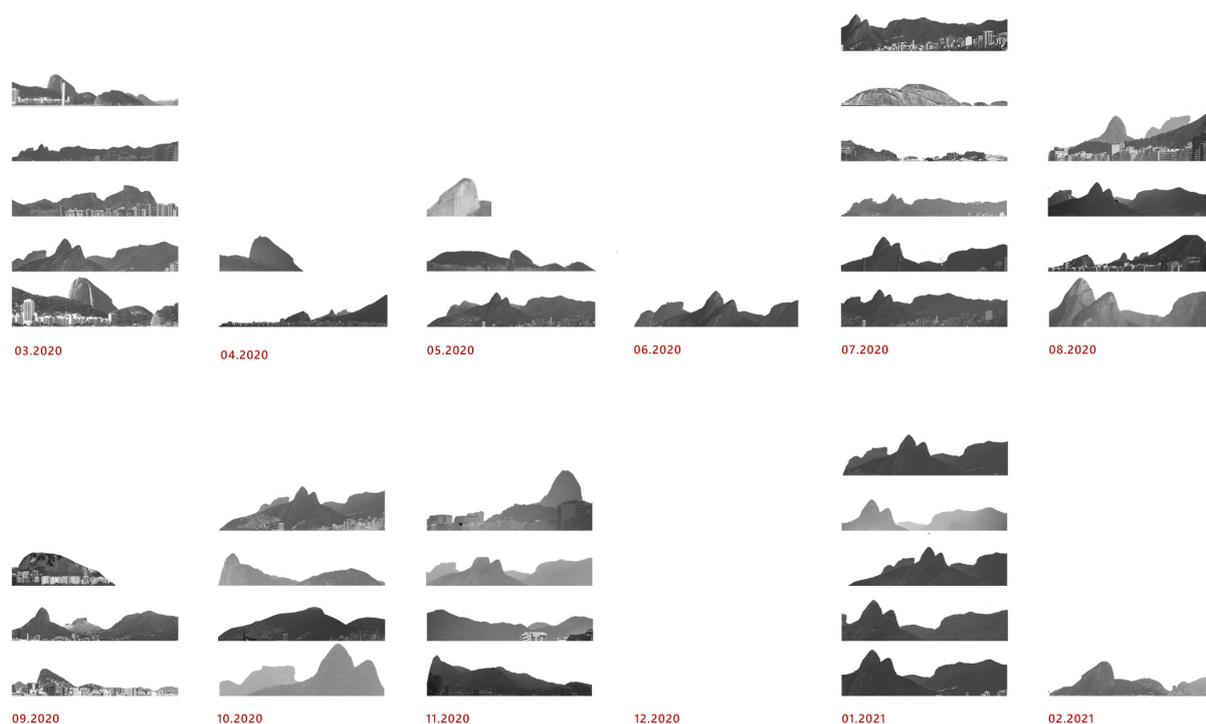


Imagem 01: Gráfico da repetição das montanhas como elementos marcantes nas composições fotográficas veiculadas ao longo do primeiro ano de pandemia no Rio de Janeiro. Tais montanhas também compõem as visadas patrimonializadas pela UNESCO. Dentre elas estão o Morro do Corcovado, onde fica o Cristo Redentor, a Pedra do Pão de Açúcar e o Morro Dois Irmãos. Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir de fotos veiculadas na internet.

Copa do Mundo 2014, Jogos Olímpicos 2016, UIA2020, cujas candidaturas afirmam a cobertura de “metrópole tropical”, acentuada pelo título inédito concedido pela UNESCO em 2012 ao Rio de Janeiro, de patrimônio cultural mundial na categoria de paisagem urbana.

Neste contexto pandêmico, viemos acompanhando a construção de três narrativas: a narrativa evidenciada pelos dados e números, a narrativa de ações, determinações e decretos do Estado/Poder Legislativo e a narrativa de imagens circuladas pela grande mídia.

Escolhemos entrecruzar as três narrativas distintas frente às sucessivas crises políticas, econômicas, sociais e agora sanitárias, pelas quais o país e o Rio de Janeiro vem passando, por estarmos vivenciando período crítico de acirramento de disputas de todas as ordens, com remarcado destaque à disputa semiótica, de informação (ou desinformação) e de poder à despeito do agravamento da vulnerabilidade da população. A justaposição das três narrativas nos levam a enxergar o que viria a ser o que chamamos de “Rio Pandêmico”.

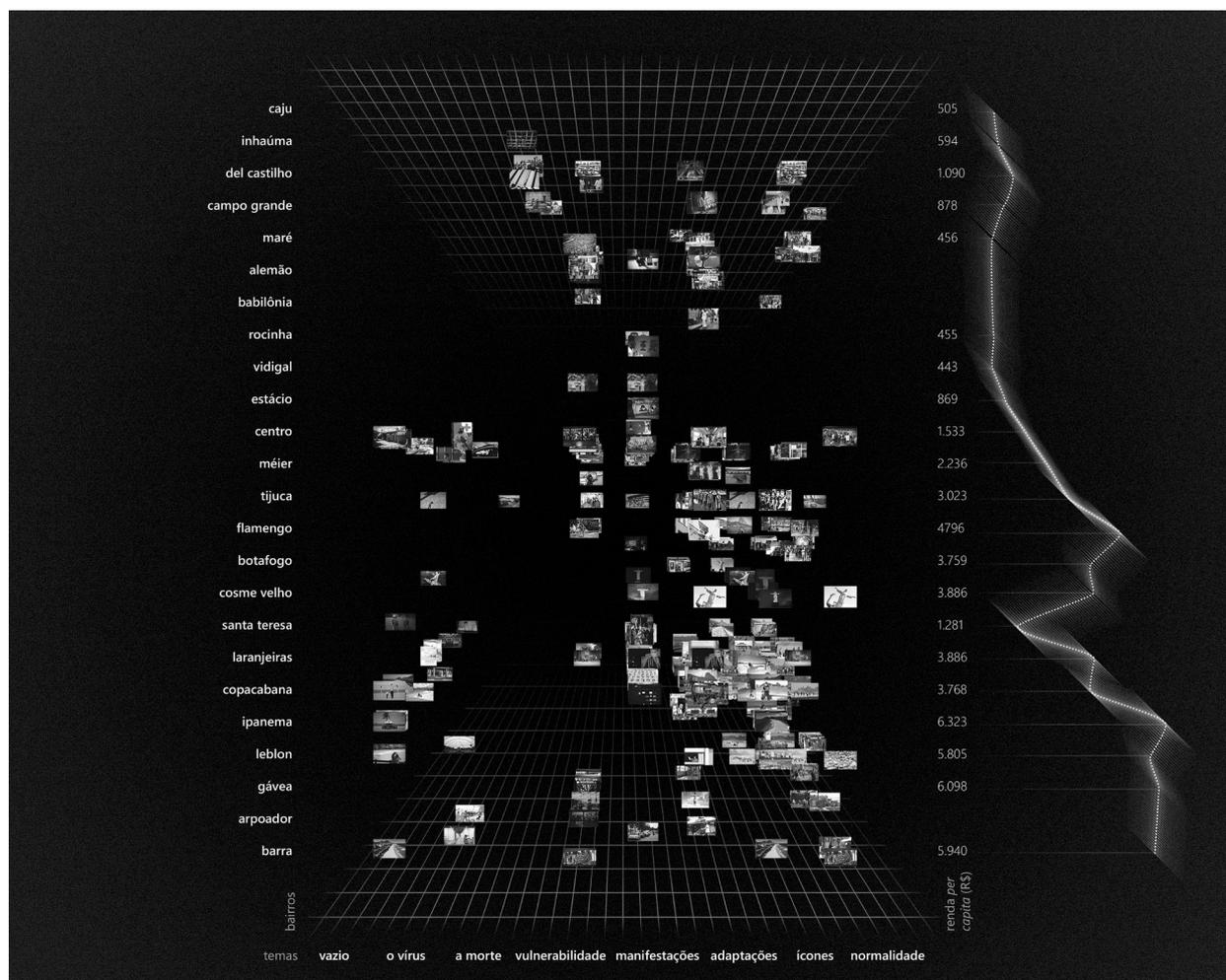


Imagem 02: Cronologia relacionando as imagens divulgadas pela mídia às suas temáticas e recortes geográficos (bairros). Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir de fotos veiculadas na internet e dados do Data Rio e FGV Social.

Para isso, desde o decreto oficial do estado de epidemia pela COVID-19 em março de 2020, trabalhamos na coleta de dados, decretos e imagens (circulantes) reunidos através da construção de uma cronologia. Esse material tornou perceptível a rápida construção de um discurso visual, com circulação intensa e acelerada nos principais meios de comunicação. A inconstância e até mesmo a suspensão da divulgação oficial dos dados pelos órgãos governamentais foi marcante ainda nos primeiros

meses da pandemia, resultando no afastamento da população da informação sobre as condições e situação grave na qual tanto a cidade do Rio de Janeiro quanto o Brasil adentravam. A partir do início de junho o governo de Jair Bolsonaro começou a progressivamente dificultar a circulação de dados sobre a pandemia. No dia 5 de junho, o site do Ministério da Saúde deixou de informar o número total de mortes e de casos. Respondendo à omissão do governo, a imprensa se opôs de forma mais agressiva,

que pode ser percebida nas imagens. Os principais veículos de comunicação do país decidiram formar uma parceria e trabalhar de forma colaborativa para buscar as informações omitidas pelo governo.

O agravamento também ocorreu pelo desalinhamento entre poderes, a falta da proposição de plano nacional norteador, associado às crises políticas sobrepostas tanto no governo municipal como estadual do Rio de Janeiro. Lembramos que tanto o governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, como o prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, foram presos no ano de 2020 acusados de corrupção e lavagem de dinheiro.

Através da cronologia elaborada, fomos identificando, com base na métrica temporal e na situação geográfica, momentos e lugares de intensificação de discursos, assim como momentos e lugares não alcançados pelos discursos. Dessa maneira foi possível a visualização de intensidades, possibilitando análises mais aproximadas às disputas, confluências, alinhamentos ou distanciamentos entre os discursos e as localidades nas quais essas ocorreram.

As numerosas imagens e suas geolocalizações tornam-se informações essenciais para entender os conflitos e desigualdades territoriais que são invisibilizados pelo discurso da cidade-paisagem. Através dos cruzamentos possíveis pela cronologia, conseguimos perceber como na zona sul da cidade predominam as imagens de ícones, praias e cotidiano que reforçam o discurso da “metrópole tropical” e da pseudo-nor-

malidade. Na zona norte, oeste e áreas das favelas prevalecem os discursos da violência, vulnerabilidade como também a ideia de “deslocamento”, como se nessas localidades a pandemia estivesse em outro plano, apesar do número de mortes e contaminação nesses locais terem aumentado ao longo de 2020 de forma remarcável.

Publicado em Janeiro de 2021 pelo jornal *El País*, o artigo “A cobertura que camufla o coronavírus” divulga o resultado de uma pesquisa da Universidade da Califórnia que revela uma camada de açúcares, até então desconhecida, na estrutura do vírus SARS-CoV-2 e mostra seu papel durante o processo infeccioso da Covid-19. A partir da leitura do artigo e, sobretudo, a partir da imagem computacional gerada para explicar essa camada e sua interação com a estrutura do vírus, surgiu a ideia de desenvolver o presente ensaio, com base na pesquisa que vem sendo desenvolvida desde abril/2020, através de uma aproximação metafórica.

O presente trabalho traça paralelos entre os resultados da pesquisa americana com o nosso próprio processo de análise dos discursos veiculados no Rio de Janeiro durante a pandemia, como um jogo metafórico. Adotamos a imagem apresentada pelo artigo, mostrando a “camuflagem” do vírus pela camada de açúcares, como metáfora do processo de “camuflagem” da cobertura sobre o coronavírus na cidade do Rio de Janeiro. Nos guiamos ainda, para entender a geopolítica do vírus, pela colocação trazida pelo médico e pesquisador Paulo Saldiva,

citando Roeder: “seu código de endereçamento postal é um melhor preditor de sua saúde do que seu código genético” (LEITE, 2019, p. 37-60). Sendo a cidade uma construção social e sua espacialidade resultado de empilhamentos de tempos conformada por questões culturais, sociais e econômicas, os problemas de saúde associados aos determinantes sociais se localizam de forma agregada, em nítido padrão sócio-espacial.

Algumas teorias contribuem para compreender as iniquidades na mortalidade. Uma das explicações diz que as iniquidades em saúde fluem da distribuição sistematicamente desigual de poder político, prestígio e recursos entre os grupos da sociedade. Um importante recurso é o acesso às

informações, com isso, podemos apontar o aprofundamento da crise sanitária nos bairros mais pobres da cidade do Rio de Janeiro.

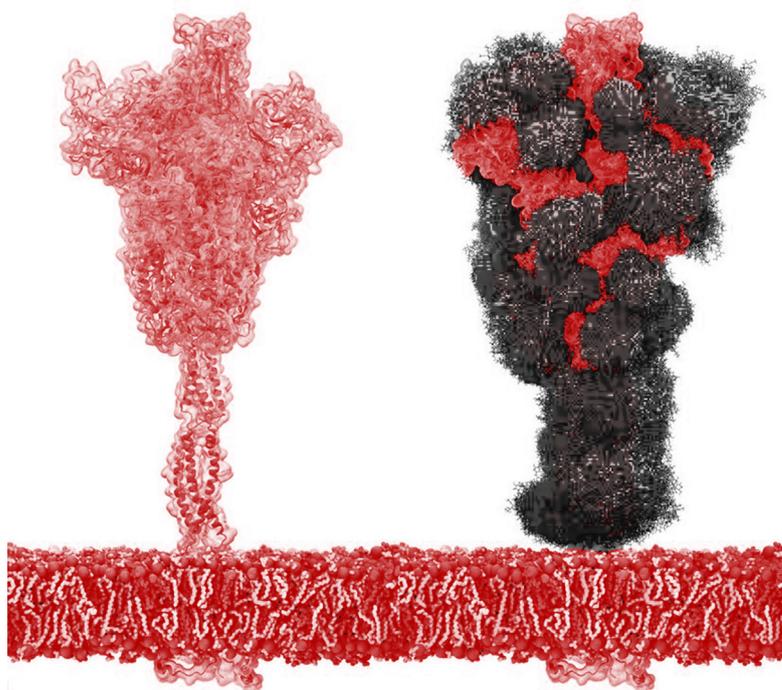
Metáfora

me·tá·fo·ra

sf

LING, RET. Figura de linguagem em que uma palavra que denota um tipo de objeto ou ação é usada em lugar de outra, de modo a sugerir uma semelhança ou analogia entre elas; translação; símbolo. (*Dicionário Michaelis Online, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/metafora>>. Acesso em: 29 abr. 2021*)

Imagem 03: A proteína espícula do coronavírus ‘nua’ (à esquerda) e coberta com a camada de glicanos (em tons de cinza) que a protegem e a escondem de nosso sistema imunológico (à direita). Metáfora da dinâmica das imagens veiculadas sobre a pandemia do coronavírus no Rio de Janeiro, coberta pela camada do discurso de cidade-paisagem que escondem outras problemáticas presentes na cidade. Fonte: Intervenção digital feita pelos autores a partir da imagem divulgada por Lorenzo Casalino, Zied Gaieb; Amaro Lab, Universidad de California San Diego.



A COBERTURA QUE CAMUFLA O RIO

A cidade-paisagem cobre as contradições do Rio de Janeiro e ajuda a escondê-las. Com a aproximação e entrecruzamentos de diferentes discursos podemos questioná-la e traçar um quadro diferente do coronavírus.

As imagens são superabundantes em nosso mundo contemporâneo. Entre suas muitas emissões e recepções, os discursos visuais — cadeias de imagens — são responsáveis por algo que muitas vezes é deixado de lado: *a construção e predominância de certas visões de mundo*. As cidades — como o Rio de Janeiro — em diferentes momentos e contextos, ao longo da história são cobertas e marcadas por um discurso imagético, sempre em disputa e essas fontes visuais, essas cadeias de imagens, precisam ser olhadas de forma abrangente, como dimensão da vida social e processos sociais, como colocado por Ulpiano Bezerra de Meneses (2009, p. 25-40).

Essa camada, conformada pelo discurso visual, é essencial para a forma como lidamos com o momento de pandemia na cidade, entendendo que essa está em disputa e, essa disputa semiótica vem pautando nossa interação com a pandemia e a cidade e nossa percepção da pandemia e da cidade.

Com o acompanhamento e levantamento da cobertura imagética durante a pandemia na cidade do Rio de Janeiro, desvelou-se que *apenas uma pequena parte da cidade é coberta pelas imagens veiculadas nos meios de comunicação mais acessa-*

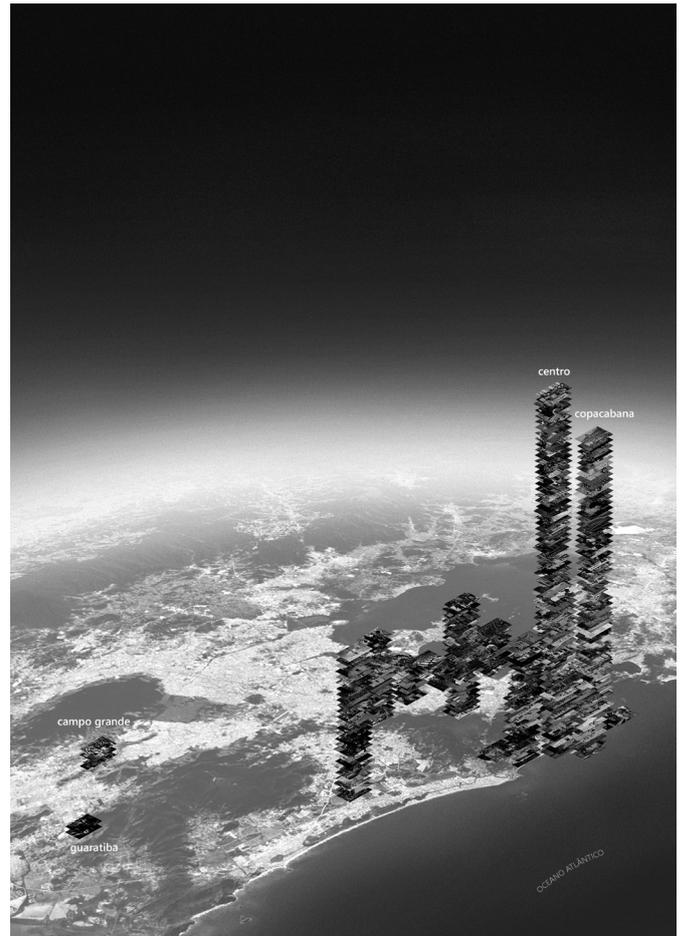


Imagem 04: O volume de imagens por bairros da cidade do Rio revela a desigualdade na cobertura imagética da pandemia. O Centro e os bairros mais ricos da cidade detêm a grande maioria das fotografias veiculadas. Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir de fotos veiculadas na internet.

dos. E mais, as imagens circulantes escapam do que vemos em uma aproximação, no microscópio. Por isso, decidimos usar simulações de computador para evidenciar o “esmalte” que cobre o discurso visual do Rio de Janeiro durante a pandemia de COVID-19 e, assim, entender seu papel.

Comparando o volume de imagens circulantes em cada contexto social e geográfico, fica evidente a prevalência na grande mídia do discurso do Rio de Janeiro como cidade-paisagem. Tornam-se secundárias as denúncias dos diversos abusos e conflitos sociais que ocorrem nas áreas “não iluminadas” da cidade, ou seja, áreas pouco assistidas pelos governos e invisibilizadas nos discursos formais. Essas áreas são habitadas pela população mais pobre e vulnerável, às quais não é concedido o direito ao isolamento social e nem mesmo o direito fundamental ao saneamento (apenas 46% da população carioca tem seu esgoto tratado). Questões que agravam a situação sanitária e dificultam o combate e contenção da circulação do vírus.

As análises e simulações com as imagens são duas vezes mais essenciais para rompermos os discursos que cobrem a cidade. Primeiro, porque elas, por um lado, têm a capacidade de estabilizar uma determinada leitura da cidade no imaginário social. Mas por outro lado, mostra-se que, ao retirar as imagens de seu contexto, por aproximações e afastamentos, essa leitura se desestabiliza, enfraquecendo o discurso do Rio-paisagem.

Todos os nossos espaços encontram-se “revestidos” de discursos. O discurso em torno do coronavírus se desenvolveu por um modo de ação semelhante à própria lógica mercantil e desigual da produção da cidade e seu verdadeiro impacto passa despercebido. Os discursos, com todas as suas diferenças e desencontros, de outro modo,

provocam a ideia de “controle do vírus e da pandemia”. Frente a isso e a partir desses discursos, foram elaboradas contra-visualidades do Rio-paisagem. Essas, são apresentadas como disrupções do discurso imagético circulante com a intenção de revelar a problemática e acima de tudo, as desigualdades latentes que estão em processo de aprofundamento e que não são visíveis ou mesmo legíveis no entrecruzamento dos discursos acompanhados.

Nestas imagens, criadas por nós, a cobertura Rio-paisagem é representada em cinza e em vermelho, as realidades invisibilizadas .

A cobertura nas diferentes partes da cidade se dá de forma desigual. As favelas e bairros mais pobres são pouco cobertos, invisibilizando os problemas que essas populações enfrentam, assim como a não consideração de suas particularidades e da falta de condições básicas para o enfrentamento da pandemia (acesso a saneamento básico, condições das habitações, condições e relações de trabalho e renda, acesso ao sistema de saúde, condições de compra de materiais de limpeza e proteção individual, entre outros). Simulações de computador também revelam que esse “esmalte” impede o enfrentamento eficiente das reais questões da cidade. Evidenciar as partes mais vulneráveis do espaço urbano e como essas encontram-se na pandemia, poderia ajudar na formulação de ações e políticas públicas eficazes de enfrentamento a COVID-19, sobretudo nas regiões mais vulneráveis da cidade.



maré
R\$ 456 per capita
14.05.2020
158 mortes (MM)

copacabana
R\$ 3.768 per capita
11.07.2020
29 mortes (MM)

Imagem 05: Tecnologia pandêmica. Em primeiro plano, moradores de Copacabana se protegem descontraidamente do vírus com roupas de astronautas, dignos das famosas ficções científicas. Ao fundo, helicópteros policiais sobrevoam o complexo da Maré em violentas operações durante a pandemia. Fonte: Colagem elaborada pelos autores a partir de fotos de Christophe Simon e de Ricardo Moraes para o jornal El País.



ipanema
R\$ 6.323 per capita
06.07.2020
30 mortes (MM)

lapa
R\$ 1.533 per capita
27.06.2020
26 mortes (MM)

Imagem 06: Noite e dia. Em primeiro plano, prostitutas se adaptam aos tempos pandêmicos nos espaços escuros da cidade. Constatando ao fundo, a praia carioca, um dos espaços mais iluminados pelos veículos de imprensa do país. Fonte: Colagem elaborada pelos autores a partir de fotos de Márcia Foletto para o jornal O Globo e de Ana Carolina Fernandes para o Facebook.

O estudo dos discursos que “revestem” o coronavírus também são essenciais para o desenvolvimento de medidas de enfrentamento. O incentivo exclusivo à quarentena, não assegurado pelo discurso “legislativo”, cria a ilusão de combate à pandemia do coronavírus a partir dos indivíduos, enquanto o problema sanitário é sobretudo coletivo, e gera uma percepção geral de controle e normalidade.

Nos últimos meses, foram desenvolvidas técnicas que permitem analisar a ineficácia dessas medidas quando isoladas e compará-las com as necessidades urgentes de uma outra camada da população, que permitiriam um melhor enfrentamento da COVID-19. Apesar de ambos os casos serem na mesma cidade, os seus contextos são drasticamente diferentes. Isso faz com que as atuais medidas de enfrentamento gerem resultados falhos que induzem uma resposta coletiva inconstante. O importante é entender as contradições, estudá-las e aprender para o desenvolvimento de futuras políticas.

É curioso como, desde que os primeiros casos³ detectados na cidade, há pouco mais de um ano, ouvimos falar de máscaras, quarentena, home office, “novo normal” — componentes da narrativa do coronavírus —, mas ninguém menciona as desigualda-

³ No dia 17 de Março de 2020 foi registrada a primeira morte em decorrência da COVID-19 no Rio de Janeiro. A vítima era uma empregada doméstica de 63 anos que percorria semanalmente 120km de sua casa em Miguel Pereira, no sul fluminense, para o Leblon, bairro com o metro quadrado mais caro da cidade do Rio de Janeiro. Sua patroa, recém chegada da Itália, esperava em casa os resultados de seu teste de Covid quando a empregada chegou para trabalhar no domingo (15).

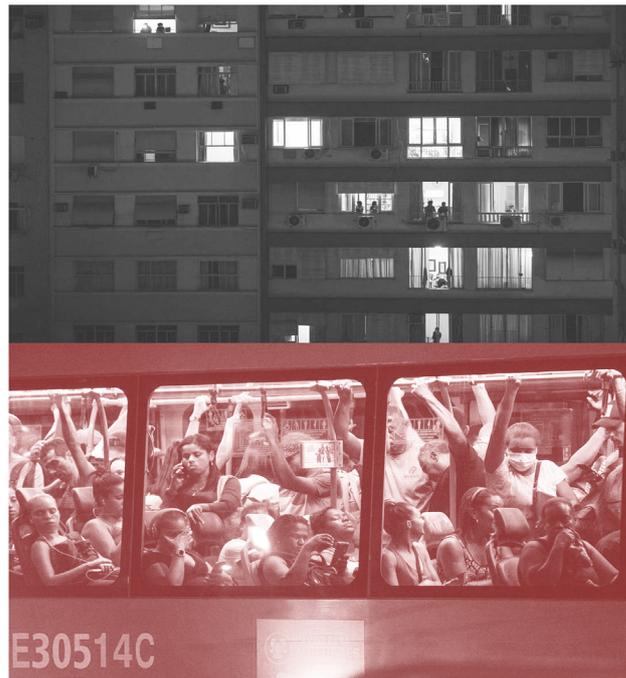
des socioespaciais no enfrentamento dos casos, a vulnerabilidade de determinadas localidades e populações. A população é frequentemente esquecida, principalmente os grupos mais vulneráveis, que constantemente não são considerados por sua invisibilidade: seja por estarem fora das coberturas: seja das estatísticas oficiais, da economia formal, das áreas valorizadas da cidade e etc. E, de fato, a forma como são invisibilizados está intrinsecamente relacionada com os discursos visuais.

Uma boa compreensão da estrutura, da posição e do comportamento das visualidades nos provocaram a elaborar as contra-visualidades. As contra-visualidades são criadas com o objetivo de desestabilizar, ou mesmo romper a «cobertura esmaltada» construída pelo discurso imagético circulante. Essas, trazem a revelação das desigualdades evidenciadas pela pandemia de covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo metafórico, por fim, nos permitiu traçar paralelos entre o método científico empregado pelos pesquisadores para visualizar as particularidades das proteínas do vírus SARS-CoV-2, com o nosso próprio processo de análise para romper com os discursos que encobrem a cidade do Rio de Janeiro. Com um olhar mais atento às questões urbanas, percebe-se o potencial de discussão não só buscando entrecruzar discursos e políticas prévias, mas buscando

Imagem 07: Direito ao ar. As janelas fechadas do ônibus lotado, em primeiro plano, revela a falta de direito à segurança sanitária dos trabalhadores mais pobres na volta para casa. Ao fundo, as janelas dos prédios do bairro de Copacabana se abrem para seus moradores protestarem contra as decisões do presidente do país durante a pandemia. Fonte: Colagem elaborada pelos autores a partir das fotos de Ana Branco e de Roberto Moreira para o jornal O Globo.



copacabana
R\$ 3032 *per capita*
18.03.2020
9 mortes (MM)

barra da tijuca
R\$ 4373 *per capita*
20.03.2020
12 mortes (MM)



caju
R\$ 505 *per capita*
16.04.2020
133 mortes (MM)

flamengo
R\$ 4.796 *per capita*
03.07.2020
28 mortes (MM)

Imagem 08: Horizontes. Na parte inferior, moradores tomam sol em suas janelas de seu apartamento no bairro do Flamengo. Na parte superior, construtores trabalham na ampliação dos jazigos no cemitério do Caju para atender a demanda de mortes causadas pela Covid-19 no Rio de Janeiro. Fonte: Colagem elaborada pelos autores a partir de fotos de Hermes de Paula para o jornal O Globo e de Marcos André Pinto para o Instagram.

corcovado
R\$ 3.886 *per capita*
13.08.2020
29 mortes (MM)



lins de vasconcelos
R\$ 302 *per capita*
29.07.2020
30 mortes (MM)

Imagem 09: Pandemia do coronavírus através dos gestos cariocas. Fonte: Colagem elaborada pelos autores a partir de fotos de Jeremy Christine no Flickr e de Fabiano Rocha para o jornal O Globo.

narrativas outras, mais próximas ao território e às manifestações desse momento pandêmico, que por vezes são entendidas apenas entre imagens, seja pelas invisibilidades, seja pelas aparições lacunares.

O acompanhamento e mapeamento das imagens, gestos esses assumidos como modos de pensar, possibilitou a visualização não só de temáticas capazes de agrupar as imagens veiculadas, como também de conflitos, vulnerabilidades, disputas e diferenças de enunciação perante a cidade.

Assim, nossas simulações foram desenvolvidas por colagens de imagens, técnica aberta ao acaso mas guiada por um olhar exploratório e questionador conformando nosso próprio discurso. Exploramos a estranheza, o conflito, tão comum na cidade do Rio de Janeiro, exacerbados por discursos por hora consonantes, por hora dissonantes como também discursos fugidios.



LITERATURA CITADA

- GOMOLLÓN-BEL, Fernando. A cobertura que camufla o coronavírus. *El País*. jan. 2021. Disponível em: <<https://brasil.el-pais.com/ciencia/2021-01-20/a-cobertura-que-camufla-o-coronavirus.html>> Acesso em: 29 abr. 2021
- LEITE, Carlos et al . Indicadores de desigualdade para financiamento urbano de cidades saudáveis. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 33, n. 97, p. 37-60, dec. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/164896/158047>>. Acesso em: 29 apr. 2021.
- ALLOA, Emmanuel (éd.). *Penser l'image*. Dijon: Les presses du réel, 2010.
- BARTHES, Roland. *La Chambre claire: Note sur la photographie*. Paris: Gallimard, 1980.
- BOLETIM DIREITOS NA PANDEMIA. São Paulo: Conectas e CEPEDISA, n.10, jan. 2021.
- DIDI-HUBERMAN, Georges [et. al.] *Alfredo Jaar: La Política de las Imágenes*. Santiago: Metales Pesados, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges; BENEVIDES, Frederico. *radical, radicular/ revolver as imagens, por a terra em transe*. #PandemiaCrítica N-1 Edições, 2020. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/131>>. Acesso em: 15 de Jan de 2021.
- JAAR, Alfredo. *A política da imagem*. In: Festival ZUM 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NYAFmtiehpU>>. Acesso em: 17 de Dez de 2020.
- JOHNSON, Steven. *O mapa da enfermidade. Como a coleta de dados se tornou uma das ferramentas mais poderosas para lutar contra uma epidemia*. Tradução de Júlia Romeu. Revista Quatro Cinco Um - edição 41. São Paulo, 2021.
- MANOVICH, Lev. **Projects & Exhibitions**. Disponível em: <<http://manovich.net/>>. Acesso em: 24 de Mar de 2021.
- MAUAD, Ana Maria. A imagem da pandemia - 1918-2020. *Revista de Fotografia Zum*, Rio de Janeiro, p. 1 - 4, 22 set. 2020.
- MENESES, Ulpiano T. B. de in: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. coordenação, Weber Sutti. -- Brasília, DF : Iphan, 2012.
- QUIJANO VALENCIA, Olver; CORREDOR JIMÉNEZ, Carlos [compiladores] SEGATO, Rita Laura [et al.] *Pandemia al sur*. 1a edición especial. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2020.
- ROUILLÉ, André. *La Photographie. Entre document et art contemporain*. Gallimard, coll. Folio essais, 2005.